



APRENDIZADO DA LEITURA ESCRITA E ORALIDADE NA EJA: O QUE DIZEM OS EDUCANDOS?

ERICA BASTOS DA SILVA

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem

Email: ebastosp@yahoo.com.br

Eixo Temático 3:

Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar algumas reflexões sobre o processo aprendizagem da leitura, escrita e das práticas de oralidades em classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), sob o ponto de vista dos educandos. O artigo é um recorte da pesquisa de doutorado que visa compreender como se constroem os processos de aprendizagem da leitura, escrita e oralidade na EJA, relacionando com os usos sociais da língua, considerando as singularidades dos sujeitos e as tensões teórico-metodológicas existentes nesse percurso. A concepção teórica que norteia o estudo está pautada nas contribuições da linguística e, especialmente, da sociolinguística que compreendem a língua e os textos na contemporaneidade como um conjunto de práticas sociais (MARCUSHI, 2010). Para o desenvolvimento deste estudo, fiz uma pesquisa etnográfica numa escola da rede pública do município de Salvador. Realizei entrevistas semiestruturadas com alunos e professores e observações de aula. Neste trabalho apresentarei as percepções dos educandos sobre seu próprio aprendizado. Espero que este artigo, bem como o trabalho desenvolvido na tese, contribua para uma qualificação do olhar sobre o aprendizado da leitura, escrita e oralidade dos educandos da EJA e que estes sejam ouvidos atentamente nos processos de desenvolvimento desses aprendizados.

Palavras-chave: Aprendizado na EJA; Leitura; Escrita; Oralidade.

INTRODUÇÃO

*antes de existir computador existia tevê
antes de existir tevê existia luz elétrica
antes de existir luz elétrica existia bicicleta
antes de existir bicicleta existia enciclopédia
antes de existir enciclopédia existia alfabeto
antes de existir alfabeto existia a voz
antes de existir a voz existia o silêncio.
Arnaldo Antunes*

Início este artigo com uma a letra da canção do Arnaldo Antunes que fala sobre o silêncio, apresentando uma ordem cronológica de aprendizado da linguagem humana. Esta se inicia no silêncio ou com choro ou sons indecifráveis falados no início da



infância (início da expressão oral), passa então pela voz, pelos dizeres compreensíveis (oralidade) e vai para o alfabeto e enciclopédia (leitura e escrita). Esse desenvolvimento próprio dos seres humanos numa cultura letrada (primeiro aprendemos a falar, depois a ler e escrever) nos traz reflexões sobre a importância desses aprendizados e os lugares sociais que eles vão se constituindo como saberes que permitem a nossa interação com as diversas pessoas.

Cada vez mais se pesquisa os diversos usos da fala e escrita, percebendo que a língua e os textos na contemporaneidade são vistos como um conjunto de práticas sociais (MARCUSHI, 2010). Dessa forma, lanço uma discussão proposta para este trabalho com respaldo nos usos sociais da língua nos âmbitos orais e escritos. Busco reflexões que possam respaldar um trabalho educativo que considere a língua em seu aspecto macro (falas, silêncios, gestos, letramentos, escritos) e não apenas as instâncias de uso na escrita.

Sabemos que a escrita é a principal responsável pela difusão de conhecimentos, reconheço portanto, sua importância e a necessidade de todos se apropriarem desse saber em nossa sociedade. O conhecimento da leitura e da escrita tornou-se um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia tanto em contextos urbanos como rurais (MARCUSHI, 2010, p.16). Seja para pegar um ônibus na cidade, seja para assinar um contrato de aluguel, ou mesmo para escrever uma mensagem, um poema ou uma carta de amor, saber ler e escrever é função precípua da instituição escolar e direito de qualquer cidadão (criança, jovem ou adulto) de viver de forma mais plena a sua cidadania. A escrita se impôs e se penetrou nas sociedades modernas, impregnando as culturas de um modo geral, simbolizando educação desenvolvimento e poder. (MARCUSCHI, 2010).

Por outro lado, temos os conhecimentos que são passados de geração a geração por meio da oralidade, demonstrando em vários aspectos a sabedoria de nossos antepassados (lembramos, por exemplo, das receitas de chá que foram passadas por nossas avós e que até hoje tomamos para curar determinada dor ou mal estar), ou da oralidade que é demandada num momento de uma entrevista de emprego, ou numa consulta médica, ou numa palestra.

Portanto, neste artigo busco sentidos e significados sobre o aprendizado da leitura, escrita e oralidade ouvindo educandos e tentando compreendê-los, com vistas a



contribuir para a construção de uma educação transformadora dos sujeitos que a vivencia. Nesse sentido, procuro compreender os usos sociais que os sujeitos fazem desse aprendizado e a importância que a escola tem para a formação do educando da EJA.

No próximo tópico apresentarei brevemente a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo.

METODOLOGIA

Ao longo da minha caminhada em pesquisas sobre alfabetização na EJA percebi que em nenhum momento tinha dado voz ao sujeito aluno. Nessas pesquisas sempre estabeleci diálogos sobre a formação de professores, as metodologias e fundamentações teóricas, as relações construídas dentro das escolas, mas até então não tinha me atentado para a voz, os dizeres e os saberes dos educandos que em meus discursos são tão valorizados.

Dessa forma, tal como Cecília Meireles¹, que diz: “*a vida só é possível reinventada*”, me invento e reinvento. Nesta empreitada me transformo como estudiosa que se torna outras e modifica o modo de pesquisar, com vista a ampliar conhecimentos e olhares sobre as pessoas e sobre a educação ofertada na EJA.

Sendo assim, para o desenvolvimento deste trabalho, optei por um estudo com abordagem qualitativa, com a realização de um trabalho etnográfico. Tais pesquisas não buscam uma generalização dos resultados, mas uma melhor compreensão de um problema dentro de um campo específico. Tive em campo sujeitos singulares que me apresentaram visões sobre sua aprendizagem e seus usos sociais (no caso, os educandos). No entanto, no diálogo com outras pesquisas e no conhecimento desses sujeitos pude construir reflexões sobre o aprendizado na EJA lendo as práticas e o que eles me disseram nas entrevistas realizadas. Nesse exercício ampliei meu olhar sobre os educandos, especialmente por enxergar neles posicionamentos críticos e reflexivos não só sobre seu próprio aprendizado, mas sobre suas vivências no mundo.

Realizei entrevistas com estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental e, para fazer análise dos dados coletados utilizei a análise de conteúdo proposta por

¹¹ MEIRELES. Cecília. **Reinvenção**. Disponível em: <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/reinvencao.htm>, acessado em: 13/09/2015.



Bardin(2004). Destaco que no desenvolvimento desta pesquisa aprendi muito. Aprendi com as leituras acadêmicas e literárias, com as interações, com os eventos, com as escritas, com os professores e, especialmente, com os educandos. Em nossos diálogos formais e informais ouvi e interagi com posicionamentos críticos sobre a política, o cotidiano escolar, a sociedade, os desejos, os amores, o trabalho. Percebi que, num exercício de consolidação da democracia, uma educação pensada para a EJA precisa ter como elemento constitutivo ouvir e considerar a visão de mundo desses sujeitos com vistas a construir políticas e currículos dialógicos. Sendo assim, no próximo tópico apresento algumas constatações e reflexões decorrentes deste diálogo.

RESULTADOS PRELIMINARES

Por se tratar de um recorte de análises iniciais de uma tese de doutorado, resolvi apresentar este tópico divididos em três sub tópicos, a saber: 1- Os principais desafios encontrados no que se refere ao aprendizado dos discentes, sob a ótica deles próprios; 2- Alguns achados valiosos que encontrei no diálogo com esses sujeitos; 3- As possibilidades de trabalho com o eixo leitura, escrita e oralidade nas classes de EJA, com vistas a possibilitar uma educação qualificada para esta modalidade de ensino. Vejamos a seguir as contribuições que estes diálogos proporcionaram.

DESAFIOS

No trabalho com a EJA, ao menos, nessas primeiras análises, três desafios se destacaram. a)-Estigmatização dos modos de falar (certo/errado); b)Desconhecimento do próprio processo de aprendizagem; c)Falta de articulação entre os conhecimentos escolares e usos sociais desse aprendizado no campo.

No que se refere a oralidade percebi a fala tão naturalizada nas salas, que, por muitas vezes, não eram discutidos seus diversos usos. Na entrevista com os alunos colhi insumos referentes às “performances” ou modos de falar que precisam ser priorizados nas práticas pedagógicas e demandam trabalhos com a oralidade que não acontecem apenas com os avanços na produção escrita. Os alunos tentam se aproximar das falas do professor ou de colegas que se destacam ao se expressar oralmente, no entanto, essas



questões não eram trabalhadas como conteúdos que também precisavam ser aprendidos. A vergonha de se expressar publicamente, os gaguejos, os silêncios nem sempre são frutos de timidez, mas, por vezes, decorrentes de uma dificuldade na expressão da linguagem oral. Os educandos da EJA já conhecem os espaços em que a eles é dado o direito a fala. Um dos educandos entrevistados disse o seguinte:

Até na fala, no jeito de falar, já se sabe se você estudou ou não, no jeito certo ou errado de falar.

No que se refere ao aprendizado da leitura e escrita, estes me falaram sobre desejos de aprendizagem e a dinâmica das aulas. Dos resultados desses diálogos, já posso destacar que os educandos da EJA só se percebem leitores quando leem corretamente todas as palavras de um texto e só se enxergam como escritores quando escrevem as palavras convencionalmente, sem “comer letras” e usando a acentuação correta. Não percebiam, portanto, seu processo de aprendizagem, apenas tentavam se encaixar numa categoria de quem sabe ler e escrever ou de quem não sabe, desconsiderando esse processo. Vejamos uma fala de uma das discentes.

Eu sei ler, quando leio e a palavra está certa, com gaguejo ainda não leio;

Já na questão sobre os usos sociais da língua, os discentes entrevistados trouxeram exemplos de situações cotidianas que demandavam o saber ler e escrever, pontuando seus desejos e limitações, mas no geral não apontaram o aprendizado escolar como articulador de saberes cotidianos. O status de saber ler, conseguido pela escola poderia mudar seu lugar social, mas as articulações dos saberes não foram apontadas.

ACHADOS

No que diz respeito aos achados, destaco até o momento duas pérolas: a) O perfil dos sujeitos; b) O estudo colaborativo como fortalecedor dos processos de aprendizagens;

No que se refere ao perfil dos educandos da EJA, efetivamente, o contato com os sujeitos na escola pesquisada me possibilitou olhares singulares para aqueles indivíduos. Encontrei artistas, empresários, militantes políticos, poetas da oralidade, bailarinos, donas de casa, cozinheiras, sujeitos singulares que possibilitaram a ampliação do meu olhar para o perfil dos educandos da EJA, tão estigmatizados e traçados em um perfil



coletivo que não representa as múltiplas subjetividades. Destaco, desde já, que as falas dos educandos e os posicionamentos críticos sobre a dinâmica escolar me surpreenderam e ressaltaram, do meu ponto de vista, a importância de ouvi-los num processo de pensar em reformulações curriculares da educação para a EJA.

No diálogo com os discentes no trabalho de campo ouvi e também me foi dito por uma das professoras que o “aprender a estudar”, “constituir um grupo de estudos”, “trocar saberes com colegas e com professores” se apresentam como ferramentas fundamentais para que os discentes se tornassem cada vez mais sujeitos estudiosos e, num exercício colaborativo, aprendessem e avançassem nas séries estudadas. Lembro-me, por exemplo, de um aluno que realizou a leitura do Livro *O cortiço* de Aluizio Azevedo e foi apresentá-lo em algumas salas da escola.

Ele elaborou um cartaz com algumas cenas do livro que o resumia e lançava questionamentos sobre uma das discussões centrais. “Até onde se pode ir para ganhar dinheiro?”. O exercício de contar e ouvir a história, instigar os colegas para a leitura do livro ampliou o exercício interpretativo sobre aquela leitura. A função social da educação escolar precisa reconhecer as instâncias individuais e coletivas de aprendizado e de domínio do sistema de escrita.

A leitura coletiva, a discussão sobre outros textos, a relação com filmes, peças, lugares permeiam os nossos aprendizados e nos constituem como gente. Gente que aprende, e que, ao mesmo tempo, ensina. Perceber que o outro (não apenas o outro professor) mas o outro colega, amigo é parte essencial desse processo de ampliação do aprendizado e de nossa formação como ser humano. No próximo sub tópico deste artigo apresento algumas possibilidades de trabalho com o eixo leitura, escrita e oralidade e destaco também as considerações parciais desta pesquisa.

POSSIBILIDADES E/OU CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Por se tratar de lançar possibilidades em torno da discussão do artigo, teço também as considerações que são finais para este artigo, mas que ainda se constroem na escritura da tese. Sobre as possibilidades, até o momento destacamos as seguintes:

a) Trabalho com comportamentos leitores e escritores, bem como com uso pedagógico



da oralidade; b) Percepções e discussão sobre a educação de qualidade para a EJA; c) Educação emancipatória e humana.

Nesse contexto, destaco que a escola deve se constituir como um espaço de discussão sobre os aspectos da oralidade e apresentar a opção de ampliá-la num exercício de respeito as variantes linguísticas e as diversas instâncias de uso da linguagem falada.

Percebo na pesquisa a necessidade de trabalho com comportamentos leitores e escritores (LERNER, 2002), da ampliação do estudo colaborativo para a consolidação de conhecimentos e do trabalho com a oralidade como conteúdo das classes da EJA. Destaco também que as especificidades e singularidades dos sujeitos e da rotina pedagógica na EJA precisam ainda de um olhar mais atento para construir uma vivência escolar mais proveitosa, e, por consequência, mais qualificada. Por fim, destaco a necessidade urgente de trabalharmos com uma educação que possibilite aos sujeitos acesso a conhecimentos que ampliem suas vivências sociais, culturais, artísticas, que os transformem em sujeitos melhores pelo viés da educação escolar.

Ressalto que nas suas vertentes oral e escrita, o ensino da língua deve ser perpassado por reflexões metalinguísticas, buscando compreender as convenções sociais e, especialmente, os usos que os sujeitos farão desse aprendizado.

Espero que este trabalho contribua para o diálogo sobre o papel da escola na Educação de Jovens e Adultos e que esta possa se constituir como espaço de convivência e aprendizado de múltiplos saberes e de múltiplas linguagens.

REFERÊNCIAS

ANTUNES. Arnaldo. **O silêncio**. Disponível em: <http://letras.mus.br/arnaldo-antunes/91708/>, acessado em 10/11/2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3ª edição. Lisboa: Edições 70, 2004.

LERNER. Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artemed, 2002.

MARCUSCHI. Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10ªed. São Paulo: Cortez, 2010.